ANTROPOLOGIA MÉDICA, DO CORPO À CORPOREIDADE

RESUMO

Este é um ensaio que trata do percurso antropológico no entrelaçamento entre saúde, corpo e cultura. Numa perspectiva histórica cultural, apresenta-se o percurso da disciplina antropológica no campo da saúde no Brasil. O paradigma da corporeidade é apresentado como fundamental para potencializar prática da pesquisa qualitativa na Antropologia Médica ou da Saúde. Esse paradigma contribui em tornar a disciplina mais preparada em interpretar as experiências vividas através do solo existencial da cultura que é o corpo, e captá-las pela materialidade da palavra e comportamentos através da percepção.

PALAVRAS-CHAVES: Saúde; Cultura; Percepção.

MEDICAL ANTHROPOLOGY, FROM BODY TO CORPORALITY

ABSTRACT

This is an essay that deals with the anthropological journey in entanglement among health, body and culture. From a cultural historical perspective, it presents the route of the anthropological discipline in the health field in Brazil. The paradigm of corporality is presented as fundamental to enhance the practice of qualitative research in medical anthropology or health. This paradigm contributes to make the discipline more prepared to interpret their experiences through the existential ground of culture which is the body, and grasp them by the materiality of the word and behavior through perception.

KEYWORDS: Health; Culture; Perception.

Scire Salutis, Aquidabã, v.4, n.1,
Out, Nov, Dez 2013, Jan, Fev, Mar
2014.

ISSN 2236-9600

SECTION: *Articles*

TOPIC: *Saúde, Sociedade e
Ambiente*

DOI: 10.6008/SPC2236-9600.2014.001.0004

**Viviane Fernandes Conceição dos
Santos**

Universidade Tiradentes, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/3207582299006397>
vivianefcs@ymail.com

Received: 29/01/2014

Approved: 11/03/2014

Reviewed anonymously in the process of blind peer.

Referencing this:

SANTOS, V. F. C.. Antropologia médica, do corpo à corporeidade. *Scire Salutis*, Aquidabã, v.4, n.1, p.37-43, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.6008/SPC2236-9600.2014.001.0004>

INTRODUÇÃO

A Antropologia Médica brasileira possui uma tradição em estudos psiquiátricos na academia que ganhou novo impulso a partir de Laplantine (1978) com a etnopsiquiatria. A partir dos trabalhos deste pesquisador no Brasil, uma geração foi ainda mais instigada a perscrutar as questões culturais no adoecer psicológico e psiquiátrico. Destacam-se as universidades públicas das regiões nordeste, sul e sudeste, especialmente estados da Bahia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul e São Paulo. Há núcleos de pesquisa em Antropologia contendo profissionais com formação médica, numa proposta de “medicina social”. Surgiu daí definições encontradas nos textos de autores brasileiros, localizando seus estudos tanto na Antropologia da Saúde quanto na Antropologia Médica, entenda-se aqui as duas com o mesmo significado atribuído à última por Helman (2009, p.11):

Estuda a forma como as pessoas em diferentes culturas e grupos sociais, explicam as causas dos problemas de saúde, os tipos de tratamento nos quais elas acreditam e a quem recorrem quando adoecem. Ela também é o estudo de como essas crenças e práticas relacionam-se com as alterações biológicas, psicológicas e sociais no organismo humano, tanto na saúde quanto na doença. A antropologia médica é por fim, o estudo do sofrimento humano e das etapas pelas quais as pessoas passam para explicá-lo e aliviá-lo.

Assim, percebe-se um movimento de profissionais da biomedicina e toda sua epistemologia dualista, voltando-se a uma análise do corpo em perspectiva (multi) cultural. As proibições e permissões, as maneiras, as técnicas, os alimentos e as formas de prepara-los, o puro e impuro, sagrado e profano em relação ao corpo nas distintas culturas tem sido objeto desta Antropologia. Ela percebe a dinâmica que envolve essa tríade (corpo, saúde e cultura) rumo a complexidades que caracterizam o mundo moderno, compreendendo não só a forte influência do individualismo, a supervalorização dos corpos e a dinamicidade dos seus usos, bem como a ligação entre biomedicina e individualismo, que reifica o corpo e suas partes, colocando os sujeitos de contextos culturais, por vezes distintos, num emaranhado ‘ditatorial’ em que a diversidade cultural pode não ser vista ou compreendida. Se isso ocorre, a assimetria moral não é contornada, ou seja, não há possibilidade de uma incursão imaginativa numa mentalidade alheia e uma aceitação dela (GEERTZ, 2001).

Na busca por uma análise sobre o homem e as reações diante das doenças, tem havido grande produção de pesquisas, que utilizam trabalhos de campo, com visitas às famílias em seus domicílios, considerando-lhes as experiências oriundas da convivência no sistema de saúde. Estas pesquisas vêm avançando nos estudos sobre as análises epidemiológicas, focando a dimensão subjetiva da doença. Canesqui (2003) faz referência à tendência de se valorizar nesses estudos o caráter privativo no gerenciar a doença crônicas dada a longa permanência na vida dos sujeitos. Soma-se a isso a história, a psicologia, a filosofia, a sociologia, na compreensão da problemática relacionada à saúde pública.

Cecil Helman (2009) aponta para uma Antropologia Médica, que, além dos aspectos teóricos, tem se envolvido em programas de educação, saúde e ajuda internacional. Dentre os pesquisadores dessa antropologia, muitos se tornaram antropólogos clínicos, membros de equipes multidisciplinares de cuidados com a saúde em clínicas e hospitais. Sua contribuição se dá ao procurar despertar para a importância dos fatores culturais na saúde e na doença entre os colegas de trabalho. Outros se detêm em questões como relação entre pobreza e doença, participando, em número cada vez mais considerável, de instituições internacionais como a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), lidando com saúde em várias partes do mundo.

As sensações de que a pessoa não está bem de saúde, numa linguagem biomédica os sintomas e sinais, são percebidas pelos autores citados como indicativos da desordem no corpo, que não está normal, promovendo dificuldade em realizar os afazeres, o trabalho. O significado da doença remete à ordem social, pois sua presença tanto afeta a reprodução biológica do indivíduo, quanto a sua reprodução social, em termos de reprodução das condições de existência (KNAUTH, 1992). Os renais agem submetendo-se ao tratamento por obediência à tradição biomédica. Segundo Le Breton (2011), esta repousa em uma física do homem que assimila fisiologia e enraizamento anatômico e funcional a uma máquina sofisticada. Para ele, o médico, se tiver competência e sensibilidade, pode atingir o doente além do sintoma. Há, portanto, duas percepções biomédicas: uma mecanicista, que se sobrepõe em nossa sociedade, e uma holista, mais praticada no oriente. “Tal é o obstáculo de uma medicina que não é aquela do sujeito: o recurso a um saber do corpo que não inclui o homem vivo. As razões de sua eficácia são também as de suas falhas” (LE BRETON, 2011, p.288).

METODOLOGIA

A prática antropológica em saúde apresenta a partir do seu referencial teórico e metodológico, especialmente no tocante à análise qualitativa e à ferramenta etnográfica, algumas dentre outras interpretações possíveis das experiências estudadas. Ao inscrever o discurso social e interpretar seu fluxo, salvando o dito e visto, aproxima-se do que as pessoas pesquisadas conseguiram levar o pesquisador a compreender e até o possível que eu consegui absorver durante a etnografia. Esta é aqui considerada como ferramenta ímpar de acesso à realidade pesquisada. Embora o foco, através da fenomenologia, seja a experiência vivida, o que transcende destas experiências - seja pela linguagem falada ou corporificada - são significados que alcançamos através da materialidade da palavra necessária a esta construção textual.

As pessoas são percebidas metodologicamente enquanto indivíduos corporificados, que vivenciam processo(s) de liminaridade(s) a partir de/e com seu corpo, sofrendo impressões e impressionando o que os cerca, sejam objetos, pessoas, ideias, enfim, o mundo. A percepção do pesquisador ou a das pessoas pesquisadas não é necessariamente uma ordenação lógica do que

se vê ou sente, é possibilidade de atribuir sentidos, devido à sensibilidade humana, um complexo emaranhado do corpo e do movimento (NÓBREGA, 2010).

DISCURSÃO TÉORICA

Corpo (reidade) na Pesquisa Antropológica

Os pressupostos das ciências sociais concebem o corpo enquanto construção social, sendo um ser biológico, mas, socialmente informado. O corpo é afetado pela religião, grupo familiar, nível social, cultura e outras variáveis sociais. Isto significa que o corpo está investido de crenças e sentimentos que estão na origem da vida social; mas, ao mesmo tempo, não estão submetidas ao corpo: "O mundo das representações se adiciona e se sobrepõe a seu fundamento natural e material, sem provir diretamente dele", conforme (RODRIGUES, 1983, p.46). Também, segundo este mesmo autor, o corpo funciona como marca dos valores sociais e nele a sociedade fixa seus sentidos e valores.

Socialmente o corpo é dado como um signo e fica claro que não tem limites a sua utilidade como sistema de expressão. Daí o fato de as culturas privilegiarem determinadas partes do corpo em detrimento de outras, a existência de inúmeras relações simbólicas entre pessoas e partes do corpo humano – como, por exemplo, a tradicional relação do sentimento de afeição ao coração, seja enquanto ideia de sentimentos ou forma caricaturada que lhe faz referência.

Sigo o conceito semiótico de cultura cunhado por Geertz (2008) que a concebe como um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. Se o papel da antropologia é interpretá-la, os pressupostos fenomenológicos podem auxiliar na compreensão do tema, tendo em vista o viés de focar a experiência desses corpos-sujeitos em tratamento hemodialítico que são profundamente impactados pelo contexto que vivenciam. Pode-se afirmar que quando o indivíduo participa à sua família ou exterioriza por ações seu nível de engajamento com o tratamento ou interpretações sobre a doença ou as formas de enfrentamento que aciona, trata-se do reflexo das suas concepções, crenças, sua visão de mundo, que são construídas socialmente e lhe fornecem as bases para que tome qualquer atitude com relação ao seu corpo.

Voltando a Rodrigues (1983), vemos que a sociedade privilegia um dado número de características e atributos que deve ter o homem, sejam morais, intelectuais ou físicas. Esses atributos são, basicamente, os mesmos para toda a sociedade, embora possam ter diferentes nuances para determinados grupos, classes ou categorias que fazem parte da sociedade. De acordo com este autor: "(...) como qualquer outra realidade do mundo, o corpo humano é socialmente concebido, e que a análise da representação social do corpo oferece uma das numerosas vias de acesso à estrutura de uma sociedade particular". (RODRIGUES, 1983, p.44)

Para a fenomenologia, a representação faz parte de um processo que está intrinsecamente ligado à percepção, que se distanciando de um processo estritamente cognitivo ou espiritual é essencialmente corporal. Este pressuposto torna mais fluida a compreensão do cotidiano do tratamento, que possui um alto fluxo de intersubjetividade permeadas por auto percepções.

A partir da noção de corpo, propõe-se analisar as dificuldades típicas da condição liminar que os colocam entre o corpo e a tecnologia, entre a vida e a morte, cotidiano e tratamento. Entende-se corpo como estrutura física e vivida, tal como foi proposto por Merleau-Ponty (1996). O corpo nesta perspectiva é o 'veículo de ser no mundo' origem de sentidos e significações. É ainda 'o próprio movimento de expressão, aquilo que projeta as significações no exterior, dando-lhes um lugar, aquilo que faz com elas passem a existir como coisas, sob nossas mãos, sob nossos olhos'.

Há a fusão ou relação completiva entre pensamento e corpo tornando-os indivisíveis. O corpo é entendido em Merleau-Ponty (1996) como fonte de expressão e comunicação. A linguagem, portanto é entendida como atitude corporal. As verbalizações das pessoas pesquisadas e minhas interpretações, seja na descrição ou na análise, não são entendidas como frutos do pensamento exclusivamente, mas, como 'expressões corporais, já que a fala é um dos usos possíveis do nosso corpo'. A experiência, fonte de riqueza e indeterminação, dentro da teoria da percepção são os pré-objetivos, pontos de partida do estudo do processo corporificado de percepção. Para esse autor nossa percepção começa no corpo e termina no objeto, pois não temos de fato nenhum objeto antes da percepção. O objetivo é a experiência narrada, expressa na ação falada, na palavra. A palavra nunca seria esgotada pela experiência que a Antropologia tenta de alguma forma acessar. Para a teoria da percepção, para além do significado, tem-se a experiência na ação humana, o estar no mundo.

Essa noção de corporeidade que vem sendo discutida é revisitada por Thomas Csordas (2008) que lança a partir dela um novo paradigma à Antropologia. Csordas esboça esse paradigma a partir dos aportes das teorias da prática e da percepção. A primeira a partir de Bourdieu (1992) sobre *habitus* e 'seu caráter de sistemas de disposições feitas corpo' a segunda através da fenomenologia de Merleau-Ponty (1996) no tocante a corpo e percepção. A corporeidade não é um processo, mas um estado. Remete à ideia de imersão de um modo de ver o mundo, de visões de mundo, que é anterior ao sujeito no mundo. Neste ponto Csordas distancia-se de Bourdieu no ponto em que *habitus* faz referência a processos. Mas, aproxima-se e fundamenta-se enquanto princípio gerador e unificador de práticas estruturadas que se tornam estruturantes. Csordas aponta para a necessidade de se compreender a ação dentro da experiência que não se esgota, dentro de uma estrutura de práticas que são naturais para os sujeitos que as experimentam-nas. A experiência é fonte de riqueza e indeterminação, dentro da teoria da percepção segundo Merleau-Ponty.

Csordas (2008) não recusa a semiótica, sendo mais um interlocutor de Geertz (2008). Ele justifica a necessidade de um paradigma, evocando a noção de pessoa proposta por Mauss

(1974). Esse autor sugere que todos nós teríamos uma noção de individualidade espiritual e corporal. No paradigma da corporeidade, metodologicamente o corpo não é objeto a ser estudado em relação à cultura, é sujeito da cultura. O corpo é solo existencial da cultura e do sujeito. 'é, de uma vez, um objeto da técnica, um meio técnico e a origem subjetiva da técnica', Assim, ainda segundo Csordas (2008) e Mauss (1974) para explicitação de como um paradigma da corporeidade media as dualidades presentes na distinção entre ação intencional e cultura constituída, trabalhada pela fenomenologia como existência e ser, ou seja: mente-corpo, signo-significação. No paradigma da corporeidade, a percepção é um processo psicocultural, que começa pelo sujeito perceptivo e não pelo objeto constituído analiticamente. O foco encontra-se mais na auto percepção que na percepção visual, através das experiências vividas, observadas e verbalizadas, compreendidas a partir dos pressupostos fenomenológicos acima anunciados.

CONCLUSÕES

Logo, o pesquisador tentando compreender a experiência, são aos símbolos e significados que se remete ou é remetido. Todos são inseridos em universos simbólicos que legitimam, ordenam e reordenam as experiências encarnadas na realidade objetiva e subjetiva que é a sociedade. Temos no Brasil na atualidade uma influência que endossa e potencializa o paradigma da corporeidade que é o paradigma ecológico. No paradigma ecológico há a compreensão de totalidade o homem influencia e é influenciado na paisagem que integra. Essa paisagem, o ambiente no qual vivencia as experiências, vão além da compreensão naturalizada de ambiente, são os ambientes internos onde são os seres humanos são cuidados e cuidam, espaços de clínicas, hospitais, escolas, quarto, enfim, todo e qualquer lugar onde ajam ação e expressão humana. Assim, vê-se o arcabouço teórico da Antropologia e sua dinamicidade seguindo o movimento de colocar em foco as experiências das pessoas pesquisadas e de maneira integral.

Essa perspectiva promove uma inserção em um tipo de dilema existencial, registrando-as enquanto coisas ditas pelo homem. Para Geertz (2008) essa é a vocação essencial da antropologia interpretativa. Dessa forma, pode-se ter uma Antropologia Médica mais preparada para compreender os processos da saúde e do adoecer, bem como para contribuir com os sistemas de saúde, avaliando serviços e contribuindo com a perspectiva cultural para uma maior eficácia das ações em saúde voltadas aos diversos grupos sociais.

REFERÊNCIAS

BURDIEU, P.. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CANESQUI, A. M.. Os estudos de antropologia da saúde/ doença no Brasil na década de 1990. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p.109-124, 2003.

CSORDAS, T. J.. **Corpo/Significado/Cura**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

GEERTZ, C.. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

- GEERTZ, C.. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- HELMAN, C. G.. **Cultura, saúde e doença**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- INGOLD, T.. **Culture and the perception of the environment**. London: Routledge, 1992.
- INGOLD, T.. **Technology, language, intelligence: a reconsideration of basic concepts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- INGOLD, T.. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v.33, n1, p.6-25, 2010.
- KNAUTH, D. R.. Representações sobre doença e cura entre doentes internados em uma instituição hospitalar. **Cadernos de Antropologia**, v.5, p.24-39, 1992
- LE BRETON, D.. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LAPLANTINE, F.. **Etnopsiquiatria**. Lisboa: Vega, 1978.
- LAPLANTINE, F.. **Antropologia da Doença**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MAUSS, M.. **Noção de pessoa**. São Paulo: Pedagógica e Universitária Ltda, 1974.
- MERLEAU-PONTY, M.. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- NÓBREGA, T. P.. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.
- RODRIGUES, J. C.. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1983.